

BIODADOS -- colóquio da lusofonia

1. VASCO MEDEIROS ROSA, ESCRITOR, AICL



[38º ribeira grande 2023](#)



[38º ribeira grande 2023](#)



[39º Sta Mª 2024](#)

BIODADOS -- colóquio da lusofonia

Vasco Medeiros Rosa, 66 anos, de Lisboa, editor independente, jornalista e investigador, tem vários livros publicados sobre Raul Brandão. Atualmente prepara uma extensa antologia de Wenceslau de Moraes, a sair em 2025.

Foi secretário de redação das revistas *Raiz & Utopia* e *Análise*, dirigidas, respetivamente por Helena Vaz da Silva e pelo filósofo Fernando Gil, e secretário da edição portuguesa da Enciclopédia Einaudi.

Trabalhou na Imprensa Nacional ao tempo de Vasco Graça Moura, e dirigiu duas séries de livros do jornal *O Independente*, uma sobre literatura portuguesa de viagens e outra com antologias de crónicas de imprensa por escritores portugueses e brasileiros, de José Rodrigues Miguéis e Luís Sttau Monteiro a Millôr Fernandes, Vinicius de Moraes e Caetano Veloso, semanário de que foi editor-adjunto para a secção cultural.

Organizou o espólio de Rosa Lobato de Faria, uma edição da sua obra poética e outra de narrativas breves e crónicas e preparou três exposições sobre a escritora.

Editou uma antologia de Ruy Cinatti sobre Timor para a editora Gryfus, do Brasil, e prefaciou uma nova edição de *As Ilhas Desconhecidas* de Raul Brandão a sair naquele país.

Sobre este autor publicou cinco livros, entre os quais *Cinzento e Douro. Raul Brandão em foco nos 150 anos do seu nascimento*, em 2017, com prefácio de José Carlos Seabra Pereira, e *Raul Brandão e os Açores*, de 2019, apresentado por Urbano Bettencourt.

Entre 2020 e 2022 dedicou especial atenção a Pedro da Silveira, poeta e investigador literário açoriano, com largo número de artigos em jornais e revistas e a recolha em dois volumes da sua *Prosa Reunida*, somando mais de 1200 páginas, o primeiro dos quais publicado pelo Instituto Açoriano de Cultura, em setembro do ano passado.

Colaborador do *Observador* desde 2014, tem muita colaboração dispersa em revistas, jornais e obras coletivas, também sobre temas de arte e design.

Atualmente ocupa-se da obra de João Afonso, cujo centenário se assinala em 2023, para publicação dum extenso volume dos seus escritos no próximo ano, assim como um volume da sua correspondência com Pedro da Silveira. Prepara também uma antologia de textos japoneses de Wenceslau de Moraes para a editora I-Primatur, a sair no verão de 2025.

Vasco Medeiros Rosa, publicou cinco livros sobre Raul Brandão e organizou mais de uma dezena de coletâneas de escritos de autores portugueses, das quais a mais recente é *Só o Esquecido É Passado* de Pedro da Silveira (2 tomos, 2022-23).

Em 2021 compilou toda a obra açórica de Pierluigi Bragaglia: *Tosão de Ouro. Açores, séculos XV-XXI*.

Tem em preparação outros trabalhos sobre figuras e temas açorianos, e colabora com regularidade na imprensa regional.

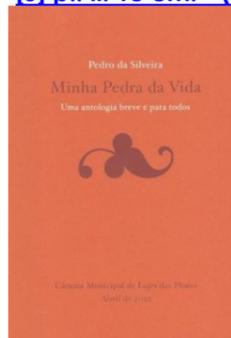
Em 2012-15 organizou o espólio e três exposições biográficas sobre Rosa Lobato de Faria, além dos volumes *A Noite Inteira Já Não Chega: Poesia 1983-2010* e *Pedra Rara: dispersos e inéditos*.

O seu primeiro livro foi uma fotobiografia da atriz Beatriz Costa: *Avenida da Liberdade*, de 2003.



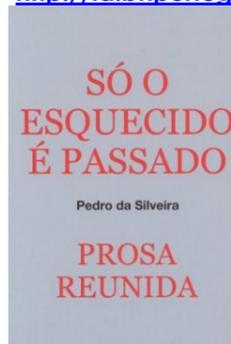
apresentação [Raul Brandão e os Açores 1 - As ilhas desconhecidas / Raul Brandão; pref., notas Pedro da Silveira; apresent. - 1ª ed., 1ª tir. - Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 2023. - 243,](#)

[\[5\] p.: il. 18 cm. - \(Mundos. Série 2; 4\). - ISBN 978-989-9154-04-9 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2135708>](#)



[2 - Minha pedra da vida / Pedro da Silveira; ed. Vasco Medeiros Rosa. Lajes das Flores: Câmara Municipal de Lajes das Flores, 2022. 99, \[1\] p.: 21 cm Hiperligação persistente:](#)

<http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2123901>



[3 - Só o esquecido é passado: prosa reunida I vol. II / Pedro da Silveira; ed. Vasco Medeiros Rosa. Ed. do centenário. - Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2022. 604, \[3\] p.: 21 cm. - ISBN 978-989-](#)

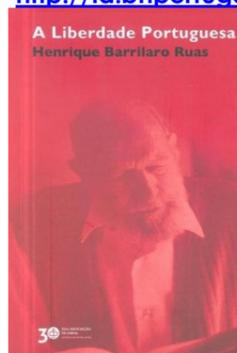
8225-79-5 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2123563>



4 - Vitor da Silva: design de comunicação = Communication design / conceito Jorge Silva; textos José Bártolo, Vasco Rosa. 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2020. - 128 p.: il. 23 cm. - (D; 15). - Ed. bilingue em português e inglês. - ISBN 978-972-27-2840-9 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2065864>



5 - O homem que só queria ser Tóssan / textos Jorge Silva, Vasco Rosa, Vítor Aleixo; trad. Rachel McGill. Lisboa: Arranha-Céus, 2019. 3 v. Il. 34 cm [V.2]: Tóssan, versos côncavos e com versos, ed., pref. João Paulo Cotrim; des. Jorge Silva 208 p.; 25 cm. [V. 3]: Tóssan, lógica zoológica, frutos e desfrutos, animália, contos e descontos. ISBN 978-989-8980-01-4 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2045395>



6 - A liberdade portuguesa / Henrique Barrilaro Ruas; org. Vasco Rosa; pref. Nuno Miguel Guedes. 1ª ed. Lisboa: Real Associação de Lisboa, 2019. 380 p.; 20 cm. ISBN 978-989-691-860-6 Hiperligação persistente:

<http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2039479>



7 - Raul Brandão e Lisboa: resenha biográfica seguida de breve Antologia / Vasco Medeiros Rosa. 1ª ed. Porto: O Progresso da Foz, 2019. 71, [1] p.: il. 22 cm. ISBN 978-972-8088-34-7 Hiperligação persistente:

<http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2035888>



8 - Raul Brandão e os Açores / Vasco Medeiros Rosa; pref. Urbano Bettencourt. 1ª ed. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 2019. 178, [6] p.: il. 18 cm. Transeatlântico; 034. ISBN 978-989-8828-89-7 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2035685>



9 - Eduardo Aires: design de comunicação = Eduardo Aires: communication design / pref. Francisco Providência; textos Francisco Providência, Vasco Rosa; fot. Óscar Almeida... [et al.]. - 1ª ed. - Lisboa: Imprensa Nacional, 2019. - 126, [1] p.: il. 23 cm. - (D; 14). - Ed. bilingue em português e inglês. - ISBN 978-972-27-2806-5 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2033874>



10 - Dorindo Carvalho: design de comunicação = Communication design / textos Jorge Silva, Vasco Rosa. - 1ª ed. = 1st ed. - Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2018. - 127 p.: il. 22 cm. - (D; 13). - Ed. bilingue em português e inglês. - ISBN 978-972-27-2598-9 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2015197>



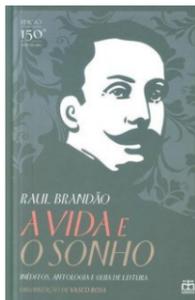
11 - O século dos prodígios: a ciência no Portugal da expansão / Onésimo Teotónio Almeida; org. Índices Vasco Rosa. 1ª ed. - Lisboa: Quetzal, 2018. 387, [5] p.; 24 cm. Língua comum. ISBN 978-989-722-536-9 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2012593>



12 - Raul Brandão, 150 anos / Colóquio Internacional em Homenagem a Raul Brandão nos 150 anos do seu Nascimento e no Centenário de Húmus; org. Universidade Católica Portuguesa - Porto, Câmara Municipal do Porto; coord. cient. Maria João Reynaud; curadoria Vasco Rosa; fot. Dinis Santos, Henrique Almeida. Porto: Câmara Municipal do Porto, D.L. 2018. - 453, [2] p.: il. 27 cm. - ISBN 978-972-634-130-7 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2007577>



13 - Na prática a teoria é outra, escritos 1957-99 / Victor Cunha Rego; pref. José Cutileiro... [et al.]; ed. Vasco Rosa, André Cunha Rego. 1ª ed. Alfragide: D. Quixote, 2018. 856 p.; 23 cm. ISBN 978-972-20-4362-5 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1988610>



14 - A vida e o sonho: inéditos, Antologia e guia de leitura / Raul Brandão; org. De Vasco Rosa. 1ª ed. Silveira: E-Primatur, 2017. 619, [2] p.; 25 cm. ISBN 978-989-99715-3-0 Hiperligação persistente:

<http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1986446>



15 - Cinzento e dourado: Raul Brandão em foco nos 150 anos do seu nascimento / Vasco Rosa; pref. José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Imprensa Nacional, 2017. XXIII, [1], 460 p.: il. 24 cm. ISBN 978-972-27-2523-1

Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1981091>



16 - Bernardo Marques / coord. José Bártolo; textos Vasco Rosa, José Bártolo. Matosinhos: Cardume: ESAD Escola Superior de Arte e Design, D.L. 2016. 92, [3] p.: il. 22 cm. Coleção de designers portugueses; 13. ISBN 978-989-99589-2-0 Cardume ISBN 978-989-8829-19-1 (ESAD) Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1948817>



17 - Bernardo Marques / coord. José Bártolo; textos Vasco Rosa, José Bártolo. Matosinhos: Cardume: Escola Superior de Arte e Design, D.L. 2016. 92, [3] p.: il. 22 cm. Designers portugueses; 13. ISBN 978-989-99589-2-0 Cardume. ISBN 978-989-8829-19-1 (ESAD) Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1947132>



18 - José Brandão: designer gráfico cosmopolita, alia o seu talento como ilustrador ao domínio das técnicas do design contemporâneo / coord. José Bártolo; textos Vasco Rosa, José Bártolo, Aurelindo Jaime Ceia. Matosinhos: Cardume: ESAD Escola Superior de Arte e Design, D.L. 2016. 90, [5] p.: il. 22 cm. Designers portugueses; 5. ISBN 978-989-99587-8-4 Cardume. ISBN 978-989-8829-11-5 ESAD. Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1942174>



19 - Sebastião Rodrigues: o mais importante designer gráfico da segunda metade do século XX / coord., seleção de imagens José Bártolo; textos Maria João Baltazar, José Bártolo, Vasco Rosa. Matosinhos: Cardume: ESAD - Escola Superior de Arte e Design, D.L. 2016. 93, [2] p.: il. 22 cm. Designers portugueses; 3. ISBN 978-989-99587-0-8 Cardume. ISBN 978-989-8829-09-2 (ESAD) Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1942167>



20 - Pedra rara: dispersos e inéditos / Rosa Lobato de Faria; org. Vasco Rosa. Lisboa: Párfenon, 2015. 348, [7] p.: il. 21 cm. ISBN 978-989-99472-0-7 [Hiperligação persistente:](http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1954750)

<http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1954750>

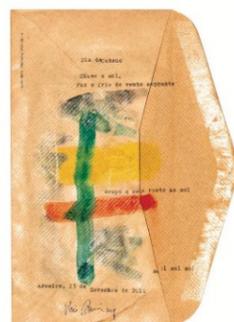
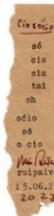
APRESENTOU O NOVO LIVRO DE RUI BARATA PAIVA “A CARTA E O SILÊNCIO” Santa Maria, Açores, 4 de outubro de 2024

LANÇAMENTO
DO LIVRO

A CARTA E O SILÊNCIO
Rui Paiva

23 DE MARÇO, 15H
SALA BEIJING
MUSEU DO ORIENTE

AVENIDA DE BRÁSILIA
DUCA DE ALCÁNTARA (NORTE)
1350-353 LISBOA



WWW.RUIPAIVA.COM
INSTAGRAM RUIPAI15
FACEBOOK RUIPAIVAFINEARTS
R.U.F.F. RUIPAIVA15@GMAIL.COM

No último colóquio, na Ribeira Grande, quando o conheci, e em dois breves encontros em Lisboa, depois disso, Rui Paiva convidou-me a apresentar este seu livro no contexto deste encontro de lusófonos. Aceitei por cordialidade, mas hoje devo confessar que estou aqui como um daqueles participantes dum concurso televisivo que são chamados para ajudar a responder a uma pergunta e que, quase invariavelmente, a primeira coisa que dizem é: «Não faço a mais pequena ideia!» Também eu não faço a mais pequena ideia de como se apresenta ou critica um livro ou um autor, ou como se fala dum quadro ou duma escultura, dum filme ou duma peça musical, sem o risco de estarmos afinal a falar de nós mesmos, das nossas ideias, obsessões e referências, simulando ver nos outros aquilo que é ou pouco mais é que um reflexo nosso. Quantas vezes escritores ou cineastas famosos não foram surpreendidos por entrevistadores ou críticos que conseguiram identificar nos seus trabalhos o vinco bem nítido da influência de livros que — afinal — eles nunca leram, de filmes que eles nunca viram?... Que poderá ser escrito sobre as telas mono- ou bicromáticas de Mark Rothko ou de Ângelo de Sousa que não diga respeito, *em primeiríssimo lugar*, a quem teve a imprudente ousadia de o fazer? Ou para tomar um exemplo mariense, já que aqui estamos: que pode ser dito acerca das «pinturas performativas» de grandes dimensões de José Nuno da Câmara Pereira? Pois, repito, não faço a mais pequena ideia. E quantas vezes, também, aquilo que lemos na folha de sala duma exposição de arte — em parte para esconder a dificuldade de examinar, explicar ou, como agora dizem humoristas, esmiuçar objetos artísticos — parece um ensaio para a mais negra obscuridade, a ilegibilidade mais absoluta, resultando em algo que podia ser escrito sobre aquilo ou qualquer outra coisa, como se os seus autores disputassem as olimpíadas do snobismo e da arrogância, até com títulos ou frases em latim ou alemão para impressionar a quem a isso se preste?

Não, eu não vou certamente por aí. Também sei que para se observar devidamente uma obra em concreto importa ter em panorama todo o resto que o autor fez, a única maneira que temos ou podemos ter de avaliar progressos, impasses, ruturas do modo pessoal, pessoalíssimo de cada criador. Este é, aliás, um exercício fundamental, que só os melhores fazem — largos anos depois — destilando, depurando, essencializando afinal, o seu próprio percurso criativo. São só esses os que verdadeiramente contam, porque depois há os outros, os émulos, os esmagados pela influência, os «à maneira de», os que não passam nem passarão dessa cepa torta, julgando-se todavia originais. Não são poucos, e são conhecidos.

O tempo corrói e destrói, mas também lima, limpa, expurga, para todos os efeitos há um *detox* literário ou artístico, feito por quem tem de cuidar de si para prevalecer e continuar. Se assim é com os autores em causa própria, também os «críticos» ao longo do tempo podem mudar de opinião ou de bitola ideológica, se tinham uma, o que aperta ainda mais o espetro de acerto do que, num dado momento, possam ter escrito sobre um determinado objeto artístico. A história da literatura e a história da arte estão cheias de casos subestimados à época, que décadas ou séculos depois — mais séculos que décadas — foram resgatados, para grande surpresa dos novos contemporâneos. Sem esquecer o movimento pendular dos respetivos cânones, cuja natureza impõe reavaliação contínua, aliás por protagonistas igualmente precários e falíveis, tanto quanto outros, mais lúcidos ou precursores.

BIODADOS -- colóquio da lusofonia

Não estou a tentar justificar a modéstia da minha leitura do livro de Rui Paiva, sobre a qual, espero, o autor e nenhum dos presentes terão a menor dúvida. Estou a dizer que aquilo que hoje se possa aqui falar depois de amanhã poderá ser diferente, porque o próprio ato de ler para criticar está impregnado de fatores endógenos, como a disposição do dia, a pressa em concluir, as interrupções por isto ou aquilo, etc. etc. Todo este feixe de contingências não pode ser ignorado, da mesma maneira que a construção dum livro pronto para ser lido é fruto dum processo também ele muitas vezes repleto de circunstâncias — revisão, cortes e acrescentos de última hora —, *verdadeiros andaimes da obra a imprimir*, e que a regularidade das linhas tipográficas impressas já não deixa perceber e que só o autor conhece. Não mudou de título já em provas de impressão um romance clássico da língua portuguesa, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, anteriormente intitulado *Um Mundo Coberto de Penas*, algo que só ficou conhecido muito tempo depois?

Agora que baixei ou tentei baixar ao máximo as vossas expectativas acerca do meu juízo de *A Carta* e o *Silêncio* de Rui Paiva, quero dizer que o livro me surpreendeu muito pela positiva, como *arquivo* do escritor que também pinta, e do pintor que também escreve — em suportes, técnicas e registos do quotidiano, expondo-os em fac-símiles que dão a medida exata do tempo e modo em que os entendeu guardar em letra, tinta e desenho no «transporte público» a que chama livro (p. 83). Pedacos de papel os mais variados serviram para registos de ocasião, ou emergenciais, algo que podia escapar-se instantes depois e que precisava de ser fixado. Há, portanto, aqui uma autenticidade ou uma originalidade que se expõe tal e qual se deu, que exhibe o que a vida deu ou tirou ao autor, um economista andarilho pelo mundo, ocupado em atividades profissionais bem distintas das nossas.

Vejamos o cartão da p. 85 com o timbre de «Administração» em que Rui Paiva escreveu à máquina «a ciência | da paciência», datando-o «de fevereiro de 2021». Poderemos nós, seus leitores, imaginar o contexto disto, desta *administração ciência da paciência*? Creio que não, ainda que o dito nos surja gracioso e de imediato sejamos levados a concordar com ele. A opção habitual pela forma breve, de facto, sugere — mas sugere apenas — a forte adesão de Rui Paiva, que viveu durante treze anos na Ásia, aos modos literários de velha tradição oriental, chinesa ou japonesa. Especial exemplo dessa aproximação está na p. 55: «avencas que falam | urzes que respiram | poesia diletante». E a precisa fixação temporal do momento da criação terá valor mnemónico para o autor, mas fica oculto para nós, seus leitores, do mesmo modo que a apresentação não cronológica dos trabalhos individuais reunidos neste livro representa uma decisão amadurecida por revisitações de conjunto, de reconfigurações sucessivas que não nos é dado acompanhar. Na p. 109 há até o desenho de sete borrachas de apagar Faber Castell. Rui Paiva mostra-nos assim, diria eu, que não é inteiramente verdadeiro o dito convencional de que um livro passa a pertencer só aos leitores a partir do momento em que se imprime. Posso eu interpretar neste sentido os versos da p. 15, «o poder da palavra | está no silêncio | da sua própria sombra»? Parece-me arriscado. «Não faço a mais pequena ideia...»

Há palavras recorrentes nos versos de Rui Paiva, desde logo *silêncio*, que está no título, *sol*, que está na imagem da capa, e *sombra*, que acabei de referir. *Céu* e *caminho* também surgem amiúde, como *amor* e *tempo* e *corpo* — que é também «o corpo leitor» do desenho da p. 151. Pessoalmente, gosto de observar este recurso vocabular concentrado na voz dum poeta — e talvez seja uma boa porta de análise literária, ou uma ponte, como em «Porque pode voar, um poema» (p. 167), que vou ler, para concluir:

Um poema
não se arruma num texto

Um poema
é fonte, horizonte

Um poema
deve ser marinado no olhar

um poema
embriaga o medo, sacia o apetite

um poema
deve encantar os desfiladeiros da mente

um poema
não se explica... Lê-se, lê-se, lê-se

um poema
ama-se

Um poema
soletra-se, angustia-se, vive-se

um poema
deve ser cantado, em silêncio

um poema é uma ponte sem chapéu.

Ainda bem!...

Muito

Vasco Rosa

obrigado.

APRESENTOU Centenários, momentos privilegiados de revisitação: os casos de João Afonso e de Pedro da Silveira

A partir da sua experiência de investigador e de *editor* nos casos em epígrafe, Vasco Medeiros Rosa traça um roteiro para comemorações centenárias futuras em contexto açórico-insular-ultraperiférico, tentando justificar que tais campanhas não podem ser postas em marcha com pouca antecedência e que beneficiam do envolvimento persistente do jornalismo para criar e potenciar o conhecimento intergeracional de figuras culturais quase esquecidas.

A condição de Afonso como funcionário público em evidência numa das duas cidades-polo dos Açores e o estatuto de Silveira como quase-exilado no Continente são, também eles, elementos diferenciadores, capazes de introduzir um debate sobre a inclusão arquipelágica e a verdadeira autonomia das Ilhas.

Antes de começar:

No colóquio do ano passado ficou alinhavado que iríamos dedicar, neste encontro em Vila do Porto, uma atenção especial a Madalena Férin, poeta e romancista desta ilha, pois parecia possível — além de desejável — que depois da sua poesia reunida por Ângela Almeida e de um livro biográfico com uma antologia da receção crítica em 2023, no prazo de um ano também os romances e contos de Madalena Férin fossem publicados de novo e num único volume, preenchendo o arco duma revisitação que tardava. Assim não pôde suceder — a caturrice de poucos não conseguiu demover a inércia de muitos. Mas a luta continua! ...

Quando Chrys Chrystello me pediu o título e a sinopse da minha comunicação a este colóquio, achei que o melhor que vos poderia trazer aqui seria uma reflexão a pretexto de dois trabalhos que ocuparam consideravelmente os últimos quatro anos da minha vida, desde que em setembro de 2020, a pedido da minha amiga Ana Monteiro, fui às Flores apelar a umas comemorações condignas do centenário de Pedro da Silveira. Sem esse impulso inicial, e do que logo depois foi sendo feito, *com dois anos de antecedência*, estou hoje certo de que a efeméride passaria em branco ou quase. Também é verdade que essa campanha ainda não acabou *dois anos depois da data redonda*, quando, com financiamento total do governo regional e da autarquia de Lajes das Flores, o Instituto Açoriano de Cultura imprimiu uma segunda edição da «Poesia Reunida» de Pedro da Silveira, a cargo de Urbano Bettencourt, e o primeiro tomo de c. 600 páginas de *Só o Esquecido É Passado*, fruto do meu trabalho de pesquisa, recolha e edição de dispersos, e logo ter prometido um segundo tomo, com c. 900 páginas, que de facto nunca quis fazer.

Esta edição está agora a ser retomada e talvez possa ainda estender-se a um livro de contos inédito, preparado nos últimos meses de vida do autor. Um manuscrito inédito de Silveira sobre a comunidade açoriana nos Estados Unidos acaba de ser publicado na revista *Gávea-Brown*, e o longo impasse criado pela desistência do IAC na publicação do referido segundo tomo da prosa reunida vai ser resolvido pela Biblioteca Nacional de Portugal, instituição que Pedro serviu por três décadas como um dos seus quadros de maior prestígio. Foi uma inesperada *solução de recurso*, potenciada pela mudança na direção da BNP, de Inês Cordeiro para Diogo Ramada Curto, quando tudo já parecia irremediavelmente condenado ao fracasso. Mas solução de recurso que vem conferir *a maior dignidade possível* à compilação da obra dispersa do invulgar pesquisador e historiador literário açoriano.

Muito obrigado, caro Onésimo, por ter sido decisivo para esta solução que acaba por ser a melhor que se poderia imaginar, ao colocar parte da obra de Pedro da Silveira sob a chancela da Biblioteca Nacional. Se há males que vêm por bem, convém mesmo assim não esquecer que eles existem — e chamar os nomes aos bois, que, como as bruxas, também existem.

Entretanto chegou-se às vésperas do centenário de João Afonso, a 27 de agosto de 2023, e estou igualmente convencido de que nada seria feito pela sua memória se as instituições públicas não tivessem sido interpeladas ou induzidas a tal, através de alguns artigos que desde o início do ano comecei a escrever em jornais açorianos. | | [Imagem](#) | |

BIODADOS -- colóquio da lusofonia

Foi então possível celebrar a efeméride no próprio dia do seu centenário, numa sessão promovida pelo Município e realizada no Centro Interpretativo da Cidade de Angra do Heroísmo, || **imagem** || na qual falei ao lado de José Guilherme de Reis Leite, amigo, vizinho e sobretudo mentor político da principal realização do homenageado, a *Bibliografia Geral dos Açores*. Na plateia estavam Cláudia Cardoso, diretora da Biblioteca Pública, a que o espólio de Afonso foi doado, e Sandra Garcia, que meses depois viria a ser diretora geral dos assuntos culturais. Dois dias depois, fui ao Museu dos Baleeiros, no Pico, falar do decisivo trabalho de Afonso para a existência da instituição, que nesse mesmo dia festejava trinta anos.

À data, já eu levava um semestre dedicado — sem rede — à identificação da obra dispersa de João Afonso, condição essencial para que fossem calculados os meios necessários à sua publicação no breve período de um ano, através dum «acordo de cavalheiros» firmado entre Álamo Meneses e o DRAC Duarte Nuno Chaves, ou seja, pela Câmara de Angra do Heroísmo e pelo Governo Regional dos Açores, que dividiram em duas partes iguais todos os encargos inerentes.

Afonso e Silveira, que tanto se ajudaram reciprocamente, em favor dos Açores e do seu património cultural, deixaram um extenso epistolário, documento da história cultural açoriana da segunda metade do século passado, cuja edição — que cedo me interessou — também tenho a meu cargo, por deferência e *suporte* de Maria João Galvão Teles, filha do bibliotecário e jornalista angrense. São todavia cartas que, para serem lidas a tão considerável distância temporal e *por várias gerações*, carecem dum aparato informativo de grande exigência e pormenor, consulta de fontes terceiras, etc. etc., uma tarefa complexa e demorada, mas que vale a pena tentar fazer da melhor maneira possível, em tributo a estes dois homens excecionais.

Pela sequência anual dos seus nascimentos, a revisitação e nova publicação das obras destes «açorianos de serviço» e da sua correspondência regular de muitos anos permitirá trazê-los de volta, como exemplos maiores de dedicação à causa pública desde os remotos anos 1940 e até à morte de ambos, em 2003 e 2014, respetivamente, constituindo ao mesmo tempo um forte sinal da vitalidade duma certa geração cultural de açorianos.

Ao contrário do que sucedera com Pedro da Silveira, a margem de manobra para o exigente trabalho de fundo sobre João Afonso estava formalmente reduzida a um semestre bem medido. A sua extensa obra, desenvolvida em jornais, revistas, palestras e alguns livros *por mais de meio século*, estava por identificar na sua maior parte, mesmo para o período até 1977, quando a letra A da sua *Bibliografia Geral dos Açores* lhe permitiu registar quatro ou cinco páginas de entradas bibliográficas pessoais. Faço notar que depois de 1977 Afonso escreveu ainda por mais trinta anos.

Quando tudo estava a caminho da edição e impressão, a expensas da Direção Geral dos Assuntos Culturais, este organismo do Governo Regional dos Açores deu *repetidas provas de indiferença, bloqueando a desejável publicação a breve prazo*, como tudo estava preparado para acontecer. Desde o início de Julho, por mais que pergunte, nada sei do destino que vai ter o trabalho que fiz ao longo de ano e meio, metade desse período sob contrato com o Município de Angra. Conseguirá a DRAC fazer com a publicação da obra de João Afonso agora reunida pela primeira vez, aquilo que já fizera com a sua *Bibliografia Geral dos Açores*, a metade deixada num limbo de gavetas, facto mais que escandaloso para o qual tive de chamar a atenção num artigo de jornal? || **imagem** || A incerteza é total, por enquanto.

O que estes factos me ensinam — na perspetiva do que aqui venho dizer — é que não basta empenho e voluntariosas tentativas de resgate e revisitação cultural se as instituições públicas da Região Autónoma dos Açores não estiverem *assumidamente comprometidas com isso*, num processo e programa de médio e longo termo, de modo a aproveitar efemérides carregadas de valor e simbolismo para atualizar a presença cultural de vultos do passado, porém também de futuro. Para dar um exemplo, que tenho em especial conta: 2026 será o centenário do nascimento de Francisco Afonso Chaves, e um grupo de investigadores já deveria estar a trabalhar com afinco nas realizações que essa efeméride merece levar a cabo. Não me parece que esteja a acontecer.

Como veio mostrar o recente escândalo das comemorações dos 500 anos de Luiz de Camões sem orçamento nem estrutura operativa eficaz, os ditos «responsáveis políticos» por tal descalabro convivem muito bem com tudo isso, acreditando talvez que a voragem dos *soundbytes* e da vida confusa e apressada de hoje tudo fará esquecer e tudo lhes perdoará, ou esperando que os erros e dislates dos seus adversários partidários sejam ainda piores que os seus. Esta estranha forma de viver, este retorcido modo de agir são um muro alto, viscoso e fedorento que nós não podemos desistir de saltar, mesmo que o desânimo pese e o diacho da idade recomende já o típico encolher de ombros perante «factos consumados». Ao contrário disso, devemos investir os nossos melhores esforços na concretização de projetos de revisitação e reavaliação do cânone cultural, honrando as gerações anteriores e estimulando as vindouras. Como disse de início, sobre Madalena Féris: a luta continua! Ah continua, continua...

Muito obrigado.
Vasco Rosa

**SÓCIO AICL
PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023, E DEPOIS NO 39º SANTA MARIA 2024**